A NOVA MILITÂNCIA FEMINISTA - A OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS VIRTUAIS NA PERSPECTIVA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL FEMINISTA

THE NEW FEMINIST MILITANCY – THE OCCUPATION OF VIRTUAL SPACES IN THE PERSPECTIVE OF THE FEMINIST STUDENT MOVEMENT

Luísa Cerqueira Credi-Dio [1]
Fabiana Jordão Martinez[2]

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa de iniciação científica sobre a dinâmica e o uso das redes sociais por jovens feministas, mais especificamente, jovens que participam de coletivos feministas ligados ao movimento estudantil – a União Nacional dos Estudantes. Assim, foi feita em primeiro lugar, uma etnografia em dois eventos específicos da entidade e paralelamente, foi feita uma "etnografia virtual" (RIFIOTIS, 2012) das plataformas de discussões dos grupos e páginas dos eventos. Como resultado, esboçamos um desenho da dinamica dos movimentos sociais feministas, mais propriamente, as jovens gerações, detectando dinâmicas de uso, apropriação e interação das plataformas digitais e atentando para as pautas mais significativas e profusas devido a sua repercussão.
Palavras-chave: Jovens Feministas; Movimento Estudantil; Redes Sociais.

Abstract: This paper presents the preliminary results of a scientific initiation research (PIVIC) about the dynamic and use of social networks by young feminists, specifically, the ones who participate of feminists groups connected to students movements – National Students Union. So, it was done in first place, an ethnography in two specific events of the entity and at the same time, a "virtual ethnography" (RIFIOTIS, 2012) of the discussions platforms of groups and events pages was done. As a result, we outline an articulation between social networks (online world) and offline world of feminists social movements, especially, the younger generations, detecting dynamics, appropriation and interaction forms of digital platforms and considering the most significant and profuse their repercussion.
Keywords: Social Networks; Student Movement; Young Feminists.

INTRODUÇÃO

De acordo com diversos teóricos sociais, a circulação de imagens e informações em nossa sociedade são elementos estruturantes do chamado capitalismo tardio, inferindo um

[1] Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Brasil.
[2] Professora da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Brasil.

novo estágio ao modo de produção capitalista, (JAMESON, 1986). Nesta perspectiva, as novas tecnologias da informação emergentes neste processo têm permitido com que novas identidades e relações sociais sejam acionadas através da experiência reflexiva e se realizem a luz dos acontecimentos, conhecimentos e experiências compartilhadas acumulados no dia a dia (GIDDENS, 2002).

Em consonância com este processo, temos assistido no Brasil grandes mobilizações políticas que se articulam na internet; tratam-se de movimentos descentralizados que surgem espontaneamente da indignação contra a injustiça, sem organização partidária e sem liderança. Seus temas, motivações e ideologias de origem são muito diversos, mas repetem as mesmas formas. Em todos eles o espaço de autonomia em relação às instituições estabelecidas que a rede representa é essencial. Como exemplo, temos as "jornadas de junho" e a chamada "primavera feminista", movimentações que se iniciaram nas redes sociais e levaram milhares de jovens às ruas de todo o país.

Assim, pode-se considerar que as técnicas informacionais não podem ser desvinculadas das atividades humanas e de suas ideias e representações: "não podemos separar o mundo material (...) das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizem." (LÉVY, 2010, p. 22).

Este trabalho trata destas novas formas de militância feminista articuladas a internet de jovens vinculadas a União Nacional dos Estudantes. Em primeiro lugar, buscou-se analisar qual tem sido o papel das redes sociais para um suposto crescimento dos movimentos organizados por mulheres e compreender de que maneira estas jovens têm se articulado na atual conjuntura política brasileira. Também buscou-se identificar quais fatores que levaram o aumento da participação das jovens nos movimentos feministas nos últimos anos, dentre estes, a relação entre esses movimentos sociais e o uso das redes sociais para a articulação política.

Para isso, foi realizada uma coleta de dados através de entrevistas semi-estruturadas no VII Encontro Nacional de Mulheres Estudantes da UNE, realizado em março de 2016, em Niterói, Rio de Janeiro e na 10ª Bienal da UNE, realizada em fevereiro de 2017 em Fortaleza, Ceará. Procurou-se detectar em que medida é possível notar nestes eventos a presença de discussões emergentes nas redes sociais. Foi feita uma análise da rede social facebook que forneceu o campo discursivo de ação (ALVAREZ, 2014) e funcionou como instrumento heurístico na construção conceitual dos questionários. Para Alvarez (2014, p. 18) o campo feminista se articula através de campos discursivos, ou seja, "uma vasta gama de autoras/es individuais e de lugares sociais, culturais e políticos que se articulam formal e informalmente - discursivamente -, através de redes político-comunicativas". Na verdade, a capilaridade do campo discursivo do feminismo indica que sua compreensão já não pode ser demandada através de antigas categorias ou modelos de articulação e de mobilização (Alvarez, 2014). Também por isso, o feminismo contemporâneo e outros movimentos sociais não pode ser tratado em termos dicotômicos, como é

o caso da separação muito utilizada entre natureza e cultura, técnica e o social, o sujeito e o objeto e mais propriamente no caso citado anteriormente, entre um mundo on line e o off line. A ênfase sobre o caráter ficcional destas dicotomias, sugere que na realidade, elas obedecem a uma pragmática metodológica em que servem como "metáforas úteis" estruturantes do discurso científico e da metafisica de nossa própria cultura (Strathern, 2006).

Assim, articulou-se os instrumentos tradicionais da etnografia (entrevistas, observação participante) a partir de uma descrição densa (GEERTZ, 1989) com o da chamada "etnografia virtual" (RIFIOTIS, 2012). Para Rifiotis (2012, p. 572), "a antropologia não tem fronteiras e não há razão para operarmos na contemporaneidade de modo distinto do que operamos nas sociedades tradicionais". Como perspectiva teórica e epistemológica, utilizamos estudos sobre feminismo, jovens feministas, movimentos feministas e estudos sobre cibercultura.

Como resultado, esboçamos um desenho da dinamica dos movimentos sociais feministas das entidades ligada a União Nacional dos Estudantes, detectando dinâmicas de uso, apropriação e interação das plataformas digitais e atentando para as pautas mais significativas e profusas devido a sua repercussão.

CIBERCULTURA E MOVIMENTOS SOCIAIS

Na década de 90, período entre a redemocratização do país e o processo de neoliberalismo, o movimento feminista no Brasil passou por profundas transformações. Se por um lado, as mulheres encontram avanços em termos políticos - como as leis de cotas -, por outro, ocorreu a diminuição do Estado implicando à recorrência e a multiplicação de Organizações não Governamentais.

Desde os anos 2000, a participação juvenil nos movimentos feministas por meios de encontros nacionais têm sido notada por algumas estudiosas. Desde então, as jovens feministas apareciam como grupo que vinha se consolidando nos espaços feministas (ADRIÃO e MELLO, 2009).

> "um fato que contribuiu enormemente para o desenvolvimento interno do movimento feminista no Brasil foi a realização de diversos encontro de mulheres e feministas (...) os encontros feministas, nacionais e latino-americanos, caracterizaram-se, desde o início, como espaços de fortalecimento e discussão interna dos passos feministas, agendas e formulações. Porém, mais que isto, estes espaços se conformaram como lugares de exercício de um modo de ser feminista e de fazer feminismo. " (ADRIÃO E MELLO, 2009).

Até então esses trabalhos buscavam analisar as jovens feministas em eventos e congressos nacionais e internacionais não necessariamente de jovens ou feministas, tais como do III Encontro Acampamento Intercontinental da Juventude (DI GIOVANNI, 2003), 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe (ALVAREZ, 2003; ADRIÃO E MELLO, 2009) e Fórum Social Mundial (ADRIÃO E MELLO, 2009). Nesse contexto, a discussão que emergia em

alguns desses trabalhos se encontrava na questão dos conflitos de relações intergeracionais entre as feministas jovens e as adultas (ADRIÃO E MELLO, 2009; GONÇALVES, FREITAS E OLIVEIRA, 2013; ZANETTI, 2011) e outros mostram que as jovens apareciam como questionadoras da ordem social vigente da sociedade e dos próprios movimentos que colocavam em segundo plano questões sobre gênero (DI GIOVANNI, 2003).

Ainda assim, os autores constatam que "por ser um fenômeno ainda incipiente, a literatura que aborda a emergência das jovens feministas enquanto sujeito político no Brasil é restrita, sendo que o debate sobre o tema específico não está consolidado" (DE LIMA PEDROSA abud ALVAREZ, 2003, SILVA, 2008, ZANNETTI, 2008 e ADRIÃO E MELLO, 2009).

Se antes essas jovens não encontravam espaço de constituição autônoma nem no movimento feminista, tampouco nos movimentos juvenis (ADRIÃO MELLO, 2009) hoje vivenciamos uma efervescência de movimentos e espaços de discussões feministas organizados por jovens, que assim como outros movimentos sociais - primavera árabe, jornadas de junho - que têm emergido recentemente, são movimentos que geralmente se articulam na internet (mundo *online*) e depois para o mundo *off line*.

Com o avanço das tecnologias de comunicação nos últimos anos, a sociedade passou por uma mudança social de grande escala que Castells (2013) vai chamar de "autocomunicação de massas", ou seja, a possibilidade de transmissão e interação em redes horizontais de comunicação. Este constituiria um novo contexto, uma nova estrutura social, em que os movimentos sociais do século XXI se constituem:

> "Os movimentos sociais (...) apresentam uma série de características comuns. São conectados em rede de múltiplas formas. O uso das redes de comunicação da internet e dos telefones celulares é essencial, mas a forma de conectar-se em rede é multimodal. Inclui redes sociais *on-line* e *off-line*, assim como redes preexistentes e outras formadas durante as ações do movimento. Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a blogosfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral." (CASTELLS, 2013, p. 162-163).

Castells (2013), trata de fenômenos ocorridos ao redor do mundo, de movimentos heterogêneos que surgiram através das mobilizações nas redes sociais, em sua maioria protagonizadas por jovens, como, por exemplo, a revolução no Egito, a primavera árabe - que o autor vai chamar de "insurreições árabes"-, o 15-M (ou "os indignados") na Espanha, e o *Occupy Wall Street* que ocorre nos Estados Unidos. No Brasil, ocorre a chamada Jornadas de Junho de 2013, e depois outros movimentos "sequelas" e mais radicais, como o anti-Copa Mundial de 2014 e, mais recentemente, anti-olimpíadas. (ALVAREZ, 2014).

> "Esses outros campos discursivos paralelos, por sua vez, se articularam com os feminismos através de um "retorno às ruas" liderado por mulheres e homens

> atuantes nos movimentos autonomistas, anarquistas, neo-leninistas e trotskystas (de todas as colorações imagináveis), os quais têm múltiplos pontos de interseção e influência mútua, – mas uma relação nem sempre tranquila – com diversos setores do campo feminista atual, especialmente com os mais variados setores do chamado "feminismo jovem". " (ALVAREZ, 2014, p. 33).

Esses acontecimentos vão reverberar o que Alvarez (2014) chama de "campo discursivo de ação" um "conjunto de ideias, pressupostos, temas e interpretações" pelos quais os discursos se constituem. "Nesse sentido, os campos feministas se constroem por meio de um emaranhado de interlocuções; as suas redes não são meras condutoras de processos culturais, são 'culturalmente constituídas por interações comunicativas'. " (ALVAREZ, 2014, p.19)

É através dessas redes que indivíduos adquirem su.a autonomia e se movimentam na internet formando assim redes de relações, pelas quais interagem, disseminam ideias e se mobilizam. "Embora esses movimentos geralmente se iniciem nas redes sociais da internet, eles se tornam um movimento ao ocupar o espaço urbano, seja por ocupação permanente de praças públicas seja pela persistência das manifestações de rua." (CASTELLS, 2013, p. 164).

Pierre Lévy (2010) define o ciberespaço como *locus* da ação humana. Sendo assim, não podemos pensar a tecnologia como um ator autônomo separado da sociedade e da cultura, mas sim nas verdadeiras relações que se entrelaçam através dela entre os inúmeros atores humanos: "Por trás da técnica agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade". (PIERRE LÉVY, 2010, p. 22-23).

RESULTADOS DA PESQUISA: O EME DA UNE

Nesta perspectiva, o EME da UNE é um evento feminista destinado estritamente às mulheres (homens não podem participar do evento) que vem se consolidando no país devido a sua abrangência e repercussão política nacional. O Encontro de Mulheres Estudantes da UNE foi criado pela diretoria de mulheres da entidade, tendo sua primeira edição aprovada em 2004, no auge da efervescência do movimento das jovens feministas que pretendiam protagonizar nos movimentos sociais espaços nos quais eram apenas destinadas às funções de base ou no trabalho operacional (ADRIÃO, 2009). O primeiro EME ocorreu em 2005, em São Paulo e contou com a presença de 160 jovens às vésperas do dia 08/03. Desde então, o evento tem se constituído como instrumento de organização da ação feminista nas universidades.[3] Dentro disso, uma característica referente ao evento e seu crescente processo de alcance e expansão tem se destacado: o agrupamento de jovens mulheres, que através das redes sociais, têm buscado compreender o feminismo e

[3] *Disponível em:< http://vermelho.org.br/noticia/278343-1>*. Acesso em: 04 de julho de 2017.

suas demandas. De acordo com Sanchez (2014), "las nuevas tecnologías suponen una nueva fuente de poder para las mujeres. Esto requiere una nueva forma de llevar a la práctica las políticas feministas."

É interessante observar que em 2013, o evento obteve um número três vezes maior de participantes em relação a sua primeira edição em 2005. De 2013 para 2016 o número de participantes foi 25 vezes maior do que sua primeira edição (Gráfico I). Simultaneamente, houve um aumento de buscas e movimentações feministas na internet e nas redes sociais, principalmente no ano de 2015 - que não por acaso, se tornou conhecido como o ano da "primavera feminista"[4] (Gráfico II).

O VII Encontro Nacional de Mulheres Estudantes da União Nacional dos Estudantes ocorreu em Niterói, Rio de Janeiro do dia 25 ao dia 27 de março de 2016 e teve como tema "A cultura feminista mudando o Brasil" e contou com aproximadamente 4000 jovens participantes de todo o país.

Reunindo mais de 20 coletivos - cada um deles alinhado a diferentes frentes ideológicas (partidárias ou apartidárias), o evento contou com diferentes segmentos feministas (muitos deles divergentes entre si), cujas singularidades foram latentes durante todo o evento. Isso foi evidenciado desde a cerimônia de abertura, quando os diferentes coletivos proferiram seus gritos de guerra demarcando suas posições político-partidárias e expressando as dissensões, alianças e pautas específicas, dinâmica que Alvarez (2014) chama de *campo discursivo de ação heterogêneo*, presente em grande parte dos movimentos sociais, e mais propriamente, no movimento feminista desde meados da década de 1970.

> "Em efeito, o poder, os conflitos, as lutas interpretativas, as disputas político-culturais também são elementos constitutivos do campo feminista. Como é o caso em todas as formações políticas, os campos discursivos de ação movimentistas estão sempre minados por desigualdades e relações desiguais de poder. " (ALVAREZ, 2014, p. 19).

Entretanto, é importante ressaltar o fato de que havia um interesse e uma proposta concreta de se discutir as pautas das mulheres estudantes de forma unificada, com vistas de reverter o machismo, que reverbera tanto no movimento estudantil quanto nas universidades.

No momento que acontecia sua VII edição, o evento era acometido pelas incertezas no cenário político do país; o clima de insegurança devido às ameaças ao regime democrático e a perda de direitos já conquistados (devido às reformas e medidas conservadoras da direita neoliberal) se deslocava para os grupos de trabalho e as mesas redondas. Assim, o evento aparecia como um importante instrumento

[4]Termo criado e reforçado por reportagens naquele período e por campanhas virtuais como a #meuamigosecreto , a #chegadefiufiu, e #meuprofessorassediador a #chegadeassedio. Disponível em:< *http://thinkolga.com/2015/12/18/umaprimaverasemfim/*>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

de resistência na manutenção da democracia e contra a violência, reverberando em blogs e redes sociais e permeando de forma concreta as vivências e experiências femininas.

Dentre as principais pautas abordadas na programação, destacou-se a importância da defesa da democracia, o combate à violência contra a mulher dentro das universidades e a articulação do movimento feminista nas redes. Além disso, se fez presente nos debates as campanhas contra o assédio, repercutidas na internet como #meuprimeiroassédio, #meuprofessorassediador e o #foracunha. A mesa de abertura do evento nominada "Feminismo em todas as estações: o papel das mulheres na luta pela democracia" contou com a participação de nomes notórios da política e do movimento feminista brasileiro (como Nalu Faria, Jandira Feghali, Sonia Guajajara, entre outras) e abordou a importância da defesa da democracia naquele momento de crise para o avanço das pautas feministas.

RESULTADOS DA PESQUISA: A BIENAL DA UNE

A Bienal da UNE, é um festival de cultura estudantil (considerado o maior da América Latina) promovido pelo Circuito Universitário de Cultura e Arte (CUCA) da entidade, onde se reúne o conjunto da produção cultural e artística universitária. O evento existe há aproximadamente 20 anos, e diferente do EME, é um espaço misto - onde homens e mulheres participam. Por ser um evento cultural, conta também com grandes nomes da intelectualidade, da arte e da música brasileira, sendo seu caráter mais aberto do que o Encontro Nacional de Mulheres (que tinha restrições quanto a entrada de homens, por exemplo), mantendo em sua programação shows, peças de teatro, mostra de cinema e debates.

A 10ª Bienal da UNE ocorreu em Fortaleza, Ceará, entre os dias 29 de janeiro a 1º de fevereiro de 2017 em um dos maiores centros culturais do país - O Dragão do Mar - e teve como temática central "Feira de Reinvenção". Logo no "cortejo de abertura", a vice-presidente da UNE declara:

> "A Bienal fala sobre a cultura feminista que transforma o país, a cultura negra que afronta o racismo, as culturas jovens e periféricas que constroem formas novas de resistência para disputar a sociedade. E esta edição se torna simbólica porque agora os debates serão com paridade de gênero e étnico-racial, os sujeitos que estão transformando a cultura política brasileira estarão no centro. " (MOARA CORREIA, 2017).[5]

É importante lembrar que como o foco deste trabalho é a participação de jovens feministas nos movimentos sociais e os usos que fazem das redes sociais, os dados coletados em relação a este evento tem a finalidade metodológica de complementar a amostragem colhida no EME, a saber, -

[5]*Disponível em: <http://www.une.org.br/noticias/10a-bienal-reinventa-a-feira-abre-inscricoes-e-da-largada-rumo-a-fortaleza/>*. Acesso em: 15 de julho de 2017.

jovens estudantes - feministas ligadas à União Nacional dos Estudantes. Por isso, algumas singularidades e detalhes do evento foram mantidas de fora, já que o foco da observação deste evento foram as formas de articulação feminista em espaços diversos do movimento estudantil.

Em meio às mostras de cinema, apresentações de teatro, música, lançamentos de livros, ocorriam também as mesas de debate nos denominados "Encontros de Rede"- espaços onde os diversos movimentos sociais que articulam dentro da UNE, discutiam suas especificidades. Por sua vez, as jovens feministas se reuniram em volta da mesa denominada "A cultura feminista mudando o Brasil"- mesmo tema do EME - composta por representantes da União Brasileira de Mulheres, Marcha Mundial das Mulheres, Coletivo Olga Benário e do Coletivo Enegrecer.

Como ambos os eventos ocorreram em momentos diferentes (o primeiro em março de 2016 e o segundo em janeiro de 2017), se no EME a preocupação central era com as ameaças contra o regime democrático, na Bienal ela se voltava ao contexto de pós-golpe. Nesse sentido destacou-se a importância do que Lúcia Rincon (UBM) chamou de "reinvenção da cultura feminista", em que as jovens teriam que buscar novas formas para lutar contra o avanço das medidas conservadoras propostas pelo novo governo. Foi falado também sobre a importância das mulheres nordestinas - sobretudo pelo fato do evento ter ocorrido em Fortaleza, havia uma ampla participação de jovens da região -, e sobre a importância do EME para o fortalecimento do movimento feminista e para a reivindicação da democracia. Além desta mesa, as jovens também se articulavam em rodas dos próprios coletivos, montando batucadas e proferindo gritos de guerra. Por não se tratar de um evento propriamente feminista, além destas jovens se articularem enquanto feministas também havia a articulação através dos outros movimentos o qual participavam.

Para compreender melhor, o processo político pelo qual essas jovens feministas estavam vivenciando tanto no interior do movimento como em articulação com outros movimentos e principalmente, perante a conjuntura política que se reverberava em concomitância aos eventos supracitados e sua relação com as redes sociais, passamos a coleta de dados traçando o perfil das participantes e buscando investigar traços do movimento dessas jovens feministas, os quais vamos mostrar em seguida.

RESULTADOS DA PESQUISA: ANÁLISE DE DADOS E ESTATÍSTICAS

A seguir, os dados a respeito das participantes em ambos os eventos são agregados em gráficos comparativos. Quanto ao perfil das participantes, como era esperado, a maior parte (72,5%) tinham entre 16 e 24 anos, outras 17,5% entre 25 e 34 (em sua maioria, estudantes de pós-graduação) e 10% maior que 35 (que em sua maior parte eram convidadas de mesas e representantes de movimentos feministas como a Marcha Mundial das Mulheres, entre outras). Quanto à escolaridade, 80% estavam cursando o ensino superior; as demais finalizando o ensino médio

(12,5%) ou cursando a pós-graduação (7,5%). Em relação à orientação sexual, 37,5 % se definiu como bissexual e 30% como homossexual. Em relação à etnia, feita através da auto atribuição, 15% se autodeclararam pardas, 45% se autodeclararam negras - fato bastante significativo e pode ser relacionado às ações afirmativas e políticas de reconhecimento na educação, realizadas nos últimos anos.

Quando perguntadas sobre quando aderiram o feminismo, 60% (gráfico III) relataram terem se descoberto feministas entre 2013 e 2016 - em particular os anos de 2013 e 2015, período de grande movimentação na internet e de manifestações organizadas através das redes. É importante salientar que quando se diz "adesão ao feminismo", parte-se do pressuposto de que há algum ponto de identificação na trajetória das entrevistadas conduzindo-as a um sentimento de pertença ao feminismo (seja um evento, o ingresso em um coletivo, a busca de conhecimento, a pertencimento a páginas e grupos de discussão feministas). E de fato, como as entrevistas eram semi-estruturadas, esta pergunta foi deixada em aberto, cabendo às mesmas a identificação de uma data ou evento.

Muitas delas, antes de situarem este ponto, disseram ser feministas "desde sempre", de acordo com suas experiências e vivências - seja a verificação ou vivência de situações de machismo, abuso ou assédio sexual na família, a discriminação na carreira que escolheram, ou mesmo o aprendizado com mulheres próximas ou da família. Apenas 22,5% declarou ter conhecido o feminismo através das redes, outras 35% tiveram seu primeiro contato na instituição de ensino e 27,5% declarou ter conhecido através de parentes e amigas (Gráfico IV).

Das entrevistadas, 70% participavam de coletivos de militância e 56,7% das jovens que participavam no EME relataram que era a primeira vez que participavam de um evento feminista, mostrando que o aumento significativo de participantes no evento neste período se deu principalmente por essas jovens que descobriram o feminismo recentemente. Sobre o alinhamento a determinadas vertentes do feminismo 37,5% (Gráfico V) das entrevistadas não declararam nenhum pertencimento (fato justificado pela adesão recente ao feminismo). Nesta mesma amostra, é significativo que nenhuma entrevistada tenha declarado seu alinhamento a vertente radical ou liberal, e uma amostragem de 43,3% declararem-se alinhadas as vertentes interseccional e socialista.

Quanto a esta ultima questão, ela foi elaborada de forma aberta, tendo como principal objetivo detectar para futuras pesquisas, um campo semântico das classificações feministas que revele uma epistemologia do conhecimento. Pois embora haja de fato uma narrativa hegemonica epistêmica sobre a teoria feminista ocidental, é possível perceber que sua linearidade e hegemonia tem sido

perturbada pelos "feminismos" que emergem na internet[6]. Além das transformações do sujeito do debate feminista, esta nova consciencia feminista que emerge pelas redes sociais, tem sugerido uma nova política teleológica que congrega novas estratégias e formas de (re) produção do conhecimento. Como mostra Alvarez (2014, p. 20) "o campo feminista está permanentemente em fluxo. Isto é, os campos erguem-se, se estabilizam, reconfiguram-se, reconstroem-se, e periodicamente, se desconstroem e/ou desembocam em ou geram novos e distintos campos"[7].

Em grande parte das entrevistadas (mais da metade), a cisão entre as diversas dimensões que permeiam o campo de ação discursiva do feminismo aparece de forma marcada entre um suposto feminismo virtual e um feminismo mais pragmático, vivenciado através da militância em coletivos. Observamos nas entrevistas, a existência de uma dicotomia entre uma suposta "militância virtual" e uma "militância prática", o primeiro campo como do campo das ideias/superficial e o segundo como campo da ação/consistência.

Muitas jovens reconheceram o campo virtual como disseminador de conhecimento; entretanto o apontaram como um espaço superficial, onde as discussões não alcançam a práxis, sendo assim insuficiente. Como uma entrevistada relatou, "*a rua é essencial, é o principal meio para quebrar o sectarismo, é o lugar onde se quebra as barreiras e concretiza o feminismo*" (I.A., 22 anos); ou outra que afirma que "*o feminismo virtual está mais voltado para a liberdade sexual, está para o feminismo liberal e a discussão é rasa (...) as relações influenciam muito; a empatia e as relações fazem a diferença na militância*" (B.S.J., 21 anos). Dentro disso, 35% das entrevistadas apontaram uma complementaridade entre a militância e as redes sociais, considerando estas fundamentais para a difusão e a disseminação do(s) feminismo(s). Já o "feminismo acadêmico" foi apontado, de modo geral, como distante, hermético e restrito "desvinculado da realidade" e "elitista" (termos usados por algumas entrevistadas) ainda assim, destacou-se sua importância para a produção de conceitos que fundamentam debates e ações feministas.

Apesar das questões apontadas, identificamos que 85% das entrevistadas utilizam as redes para adquirir e atualizar seus conhecimentos feministas (através de blogs, grupos do *facebook,* entre outros) e 90% relatam utilizar as

[6] Para Hemmings (2009) esta história é narrada através da noção de progresso, partindo de uma preocupação com *igualdade e semelhança* nos anos 70, passando pela *diferença e diversidade* nos anos 80 e indo em direção à *fragmentação* dos anos 90. Nesta construção narrativa o presente, ápice de um "conhecimento iluminado", é legitimado através de um passado em que a escrita feminista da década de 70 aparece como "essencialista" e excludente, e em contraposição a uma década de 80 sobrecarregada pelo conceito de gênero e atenta para recortes de raça e classe, sobretudo, pelo epifenômeno do feminismo negro. Finalmente, os anos 90 são apresentados como o período em que as teorias pós-estruturalistas amealham as preocupações da década anterior, rompendo com o sujeito feminino no centro do debate.

[7] Sobre as vertentes feministas que emergem nos blogs e redes sociais do Brasil, nos baseamos na pesquisa de Martinez, Fabiana .J. O conhecimento feminista na era digital: grupos de discussão do Facebook como uma nova epistemologia do conhecimento. Anais do 13º Fazendo Gênero, Florianópolis, 2017.

redes para a militância feminista, destas 30% utilizam as redes exclusivamente para este fim (gráfico VI). O mesmo número (90%) participam de comunidades virtuais e/ou grupo de discussão sobre feminismo na internet e 37,5% possuem blogs ou administram páginas/grupos e/ou comunidades sobre feminismo no *facebook*. Dados que mostram que, a exemplo de diversos movimentos sociais, o feminismo também tem se valido largamente das plataformas virtuais de comunicação propiciadas pela internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável o poder de expansão e autonomia que os meios de comunicação virtuais trouxeram à sociedade, "atualmente, estar nas redes sociais constitui uma forma de gerir a própria identidade, estilo de vida e relações sociais" (AMANTE, 2014, p. 35). Se antes os movimentos sociais dependiam de fatores externos para organizar suas ações e expandir-se, hoje através das redes sociais esses movimentos têm alcançado cada vez mais autonomia e conquistado cada vez mais adeptos.

Durante o percurso dessa pesquisa, podemos compreender que assim como os outros movimentos sociais emergentes nos últimos anos, o feminismo também têm se valido dessas plataformas virtuais, juntamente com as marchas, encontros e outras ações têm alcançado diversas jovens através da disseminação e *(re)* produção dos discursos feministas. Como descreve Alvarez (2014, p. 45), "as redes ou meios sociais hoje têm um papel de destaque, especialmente na popularização dos feminismos e na articulação desses campos incipientes e mais precarizados".

Nos diversos estudos realizados sobre eventos feministas mostram que esses encontros também se constituem como espaços de empoderamento. Neste sentido, analisar o movimento através do contexto do Encontro Nacional de Mulheres Estudantes e posteriormente, a Bienal da União Nacional do Estudantes, nos propiciou um campo privilegiado para o estudo da participação e da articulação política destas jovens dentro do espectro heterogêneo dos diversos coletivos que compõem o movimento estudantil e o movimento feminista.

Embora não nos detenhamos buscar e analisar de forma detalhada o movimento estudantil e seus coletivos componentes, este trabalho nos mostrou que assim como o movimento feminista em geral, o movimento destas jovens também é marcado pela pluralidade, contradições e conflitos que, de acordo com Alvarez (2014), caracterizam o campo feminista mais amplo. Como dito anteriormente, por ser um fenômeno recente e as referências bibliográficas sobre o assunto ainda serem escassas em nosso país, esperamos contribuir para próximas pesquisas na área.

Diante disso, apesar do campo virtual ter sido considerado pelas entrevistadas, um espaço raso para as discussões feministas, notamos nos resultados uma forte relação entre o uso das redes sociais e a militância. Desde o uso frequente das plataformas para a militância feminista e a participação de grupos de discussão feminista nas redes às pautas das quais que se fizeram presentes em ambos os

eventos e em particular o EME, que foram iniciadas e repercutidas na internet como #meuprimeiroassedio, #meuprofessorassediador e o #ForaCunha, que levou às ruas milhares de mulheres em todo o país, fenômeno inédito em nossa história.

Apesar das divergências, a militância estudantil feminista hoje está totalmente integrada à internet, elemento fundamental para o aumento da adesão das jovens, uma vez que as redes e "as comunidades virtuais realizam de fato uma verdadeira atualização de grupos humanos que eram apenas potenciais antes do surgimento do ciberespaço" (LÉVY, 2010, p. 132).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIÃO, Karla Galvão e MÉLLO, Ricardo Pimentel. *As Jovens feministas: sujeitos políticos que entrelaçam questões de gênero e geração?* Anais do Encontro da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009.

ALVAREZ, Sonia E. *Um outro mundo (também feminista...) é possível: construindo espaços transnacionais e alternativas globais a partir dos movimentos*. Rev. Estud. Fem., Vol.11, no.2; Florianópolis, Jul./Dez, 2003.

ALVAREZ, Sonia E. *Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 43, p. 13-56, Dec, 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000200013&lng=en&nrm=iso>. Access on: 09 July 2017.

AMANTE, Lúcia. *Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação.* In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa Oliveira dos. Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, p. 27-46, 2014.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2013.

CLIFFORD, Geertz. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

DE LIMA PEDROSA, Tábata; *Juventude e feminismo: tecendo discussões acerca da participação juvenil.* 18º Redor, p. 614-624, 2014.

DI GIOVANNI, Julia Ruiz. *Jovens, feministas, em movimento: a Marcha Mundial das Mulheres no III Acampamento Intercontinental da Juventude*. Estudos Feministas, v. 11, n. 2, p. 655, 2003.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GONÇALVES, Eliane; DE FREITAS, Fátima Regina Almeida; OLIVEIRA, Elismênnia Aparecida. *Das idades transitórias-as" jovens" no feminismo brasileiro contemporâneo, suas ações e seus dilemas.* Revista Feminismos, v. 1, n. 3, 2014.

JAMESON, Fredric. (1996*). Pós- modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio.* São Paulo: Ática, 1996.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Editora 34, 2010.

MANIERI, Dagmar. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet, de Manuel Castells*. Plural (São Paulo. Online), v. 21, n. 2, p. 195-198, 2014. Available from <http://www.revistas.usp.br/plural/article/viewFile/97219/96268>. Access on 05 July 2017.

MARTINEZ, Fabiana J. *O conhecimento feminista na era digital: grupos de discussão do Facebook como uma nova epistemologia do conhecimento.* Anais do 13º Mundo de Mulheres e Fazendo Gênero 11, Florianópolis, 2017. Disponivel em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1520948963_ARQUIVO_ST037-Oconhecimentofeministanaeradigital-FabianaJordaoMartinez.pdf>.

SANCHEZ, Amparo Romero. *La utopía postfeminista: Del ciberfeminismo al tecnofeminismo.* Cuadernos del Anteno. no 32, 2014.

RIFIOTIS, Theophilos. *Antropologia no Ciberespaço***.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

ZANETTI, Julia Paiva. *Jovens feministas do Rio de Janeiro: trajetórias, pautas e relações intergeracionais.* Cadernos Pagu, v. 36, p. 47-75, 2011.